

# A utilização de códigos QR no combate à dissociação em coleções museológicas – O caso da Reserva de Escultura da Faculdade de Belas-Artes

Guilherme Lopes, Marta Frade, Alice Nogueira Alves

**Resumo:** Neste artigo é apresentado um projeto para a gestão do acervo existente na reserva de Escultura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Depois de identificados os problemas relacionadas com o fator de alteração da dissociação neste acervo, é proposta a utilização de códigos QR para combater as suas consequências e evitar futuras perdas, dando-se exemplos de esculturas do acervo de gessos.

**Palavras-chave:** conservação preventiva, gestão de coleções, gesso, Universidade de Lisboa

## El uso de códigos QR en el combate a la disociación en colecciones museológicas – El caso de la Reserva de Escultura de la Facultad de Bellas Artes

**Resumen:** Este artículo presenta un proyecto para la gestión de la colección existente en la Reserva de Escultura de la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa. Tras identificar los problemas relacionados con el factor de alteración de la disociación en esta colección, se propone el uso de códigos QR para combatir sus consecuencias y evitar pérdidas futuras, poniendo ejemplos de esculturas de la colección de yeso.

**Palabras clave:** conservación preventiva, gestión de colecciones, yeso, Universidad de Lisboa

## The use of QR codes to combat the dissociation in museological collections – The case of the Sculpture Storage Room of the Faculty of Fine Arts

**Abstract:** This article presents a project for the management of the existing collection in the Sculpture Storage Room of the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon. After identifying the problems related to the dissociation factor in this collection, the use of QR codes is proposed to combat its consequences and to avoid future losses, with examples of sculptures from the plaster collection.

**Keywords:** preventive conservation, collection management, plaster, University of Lisbon

## Introdução

A Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) é herdeira da Academia de Belas-Artes de Lisboa, fundada em 1836, no antigo convento de S. Francisco, por onde passaram “muitas gerações de professores e alunos, cujas obras fazem parte do nosso património” (Alves *et al* 2014: 1). Atualmente, esta instituição é detentora de diversos acervos: Arte Multimédia, Cerâmica, Desenho Antigo, Desenho Contemporâneo, Design de Comunicação, Design de Equipamento, Gravura Antiga, Gravura Contemporânea, Escultura, Medalhística, Pintura Antiga, Pintura Contemporânea e o Legado Lagoa Henriques <sup>[1]</sup>. Estes acervos estão acondicionados em diversas salas de reserva do edifício da FBAUL, guardados por razões de segurança, com exceção das esculturas que se encontram nos corredores e nas salas de aula, bem como de algumas pinturas dispostas em gabinetes e em espaços comuns mais resguardados.

A coleção de escultura contém cerca de 2000 peças inventariadas, que se encontram maioritariamente em reserva, circulando algumas para as salas de aula para servir como material pedagógico todos os semestres. Muito frequentemente, é realizado o seu empréstimo para exposições exteriores. Esta concentração em reserva implica que este espaço seja muito visitado por pessoas exteriores à instituição.

O projeto que aqui se apresenta foi desenvolvido no âmbito de um mestrado em Museologia e Museografia, intitulado *Organização e Gestão de Coleções – Reserva de Escultura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa como caso de estudo* (Lopes 2021), e teve como objetivo apresentar uma proposta de gestão e organização desta reserva, através da utilização de códigos QR como forma de combate à dissociação do seu acervo.

Estes códigos são associados a cada obra individualmente e, por sua vez, ligados diretamente a um sistema que dá acesso direto à sua documentação, como, por exemplo, a ficha de inventário. Os códigos QR podem ser lidos facilmente através das câmaras dos nossos *smartphones* e desta forma permitir o acesso público e/ou privado à informação. Para além de ser algo bastante útil na organização do interior da reserva, facilitando a ligação entre o objeto e a documentação, também é um bom complemento na exposição permanente ao fornecer informação adicional ao visitante, tornando-a facilmente acessível a todos.

Estes códigos já existem há vários anos e são utilizados por diferentes indústrias, estando presentes em revistas, em panfletos, na televisão, em aplicações, entre outros. Através da pesquisa efetuada, conseguimos perceber que também têm sido usados nos museus, no controlo de entradas e saídas, em mapas, para fornecer informação extra aos visitantes sobre obras específicas, tanto em exposições temporárias como permanentes, entre outras aplicações. Sobre esta questão há muitas referências *online*, entre as

quais destacamos, no caso português, o trabalho de Rui Costa (2012), em que se descreve a implementação de códigos QR no Museu do Traje como método de fornecer mais informação ao visitante. Para a utilização deste recurso na gestão e organização de coleções e reservas, partimos do exemplo do projeto piloto desenvolvido no Natural History Museum of London, descrito por Maria Consuelo Sendino (2013).

## A dissociação

Existem diversas dificuldades associadas à gestão de uma coleção de grandes dimensões num contexto académico com poucos recursos humanos. Para além disso, a sua grande dimensão e os problemas decorrentes de um edifício que data do século XIII, muito fustigado por diversas catástrofes, como incêndios e o grande terramoto de Lisboa de 1755, implicam desafios de distintas naturezas que dificultam a preservação da coleção que ali se alberga. Estas questões dão origem ao fenómeno da dissociação, o décimo e mais recente agente de deterioração definido pelo Canadian Conservation Institute (CCI) (Waller e Cato 2019).

Este fator de degradação a que as coleções museológicas estão expostas pode estar ligado à negligência na gestão de uma coleção, à falta de organização das reservas, ao desconhecimento da localização exata dos objetos, à falta de documentação em formato eletrónico e à falta de atualização da documentação regularmente, entre outros aspetos (Waller e Cato 2019; Alves e Frade 2017). A dissociação é muitas vezes afetada pelos outros fatores de degradação identificados pelo Canadian Conservation Institute, causadores da degradação física dos objetos ou do desaparecimento dos elementos que os ligam à documentação que justifica a sua presença no âmbito de uma determinada instituição (Canadian Conservation Institute 2018). Este fator de degradação pode ser muito grave para a coleção, levando à perda de informação e do seu valor e, conseqüentemente, à sua perda total.

Deve ainda notar-se que a dissociação é o único agente que também está ligado aos aspetos intelectuais, legais e/ou culturais do objeto, ao contrário dos outros nove que afetam a sua parte física (Waller e Cato 2019). No entanto, ainda que a sua natureza seja imaterial, os efeitos podem manifestar-se fisicamente (Waller 1994: 12).

Este fenómeno também pode ocorrer quando os elementos de uma peça estão separados uns dos outros dentro do mesmo acervo e não há meios para os localizar, encontrando-se, portanto, dissociados. Um bom exemplo desta situação, será um braço que pertença a uma escultura do acervo, cuja falta de informação impeça a ligação entre os dois elementos.

Como referimos, a dissociação pode estar relacionada com a dificuldade da gestão de uma coleção. Diferentes ações podem dar origem à perda de informação e/ou da ligação

entre a informação e os objetos, como, por exemplo, a alteração da localização de um objeto para um local diferente da informação presente na ficha de inventário (Waller e Cato 2019). Por outro lado, a inexistência de um sistema de localização de peças no acervo registado de forma atualizada nas fichas de inventário pode ocorrer, muito simplesmente, pela falta de manutenção e regularização de informação.

Para combater esta questão, e se evitar a perda da informação sobre o valor do objeto que se encontra inventariado, o museu ou a instituição responsável por um acervo devem ter o cuidado de preservar sempre a ligação entre o objeto e a sua documentação. Esta relação pode ser estabelecida pelo número de inventário atribuído ao objeto, registado na sua ficha de inventário. Quando esta conexão não existe, e não sabemos qual o valor de um objeto, ele perde a sua razão de existir na coleção e pode acabar por ser esquecido (Alves e Frade 2017: 3). Como exemplo prático podemos considerar novamente o braço da escultura; sem ter qualquer tipo de informação como o número de inventário e a identificação da peça a que pertence, pode ser apenas um objeto sem valor. Mesmo que esteja preservado nas melhores condições ambientais para a sua conservação, o seu valor acabar por deixar de existir. Por outro lado, se este braço estiver devidamente inventariado e ligado à escultura, mesmo não estando fisicamente ligado à obra original, as razões da sua existência e da sua importância continuam presentes. No caso da Reserva de Escultura da FBAUL temos vários elementos de peças que estão separados uns dos outros, sendo muito morosa a sua localização e ligação.

Dado o impacto deste fator de deterioração ser muito gravoso para as coleções museológicas, podendo chegar a resultar na perda total de uma coleção, como já referimos, neste projeto propusemos o combate à dissociação através da utilização de códigos QR, criando uma base de organização e gestão para a Reserva de Escultura da FBAUL.

### O caso da Reserva de Escultura da FBAUL

Atualmente, existem diversos problemas na reserva de escultura da FBAUL que originam o fenómeno da dissociação. Entre estes encontra-se a falta de utilização de documentação em formato digital, a inexistência de uma atualização regular da informação e o facto de não se saber a localização exata de algumas obras dentro da reserva.

O inventário existente foi feito em 2004 (Bernardo 2014). Algumas fichas estão em formato PDF (disponíveis *online*), mas a totalidade está impressa em papel, num dossier que se encontra no interior da reserva, contendo informações desatualizadas. Apesar desta questão ter vindo a ser colmatada nas arrumações e nas alterações de

disposição a que a reserva tem sido sujeitas nos últimos anos, e da contribuição de muitos alunos que realizam no preenchimento de fichas de inventário que vão complementado com novas informações, resultantes das suas próprias investigações no âmbito de licenciatura e de mestrado, o procedimento de atualização encontra-se ainda longe de abranger uma porção significativa do conjunto.

A existência de fichas de inventário em formato digital para toda a coleção iria facilitar a alteração e a atualização da informação, não só com os novos conhecimentos que se vão alcançando do ponto de vista histórico e artístico, questões iconográficas, relações com as obras originais que deram origem a muitas réplicas que ali se encontram, entre outros aspetos, mas também o registo de movimentações, empréstimos, restauros, etc. Entre estes benefícios, destacamos a possibilidade de se estabelecer um sistema de georreferenciação das peças na reserva, que facilitaria a sua localização e a gestão do conjunto.

Para além destes aspetos, deve também ser referida a existência de diversos fragmentos dissociados das suas peças originais por toda a reserva, como braços, pernas, cabeças e mãos. Estes fragmentos estão arrumados em caixas [Figura 1], sendo impossível identificar as esculturas a que pertencem apenas através da documentação ou da sinalização existente.



**Figura 1.-** Caixa com fragmentos dissociados © FBAUL/ Guilherme Gameiro Lopes.

Para além destes fragmentos de dimensão média, também existem fragmentos de dimensões reduzidas, como dedos ou outros pequenos elementos que se destacaram da escultura original devido à ação humana ou a outros fatores, particularmente nas esculturas que estão nos corredores da Faculdade, mais expostas a outros fatores de alteração. Estes fragmentos apresentam um desafio acrescido de conservação e preservação devido à dificuldade de se encontrar a sua localização original, correndo-se o risco de facilmente se perderem ou de se esquecer alguma ligação que ainda se conheça atualmente, tornando a sua relação com a escultura de que fazem parte impossível no futuro.

### A utilização do código QR para combater a dissociação

Uma das metodologias de combate à dissociação consiste na identificação da localização dos objetos e na sua ligação a um sistema de georreferenciação. No caso da Reserva de Escultura da FBAUL, propomos a utilização de códigos QR dentro da reserva e nas obras expostas nos corredores, unificando tudo no mesmo sistema.

Os códigos QR são códigos que podem ser lidos através das câmaras dos nossos *smartphones* e que permitem o acesso a vários tipos de informação que lhes esteja associada. Para funcionar, têm de ter ligação a um *website*. No presente caso, um dos nossos objetivos é que estas fichas de inventário possam ser atualizadas e colocadas no *site* do museu virtual da FBAUL (<https://museuvirtual.belasartes.ulisboa.pt/>), estando desta forma acessíveis a todos.

Os códigos QR podem ser criados em várias plataformas *online*, com a opção de serem personalizados, razão pela qual utilizámos o logotipo da Faculdade no centro, tornando-se assim facilmente distinguíveis de outros códigos QR [Figura 2].



**Figura 2.-** Código QR com o logotipo da FBAUL © Guilherme Gameiro Lopes.

A sua implementação passou por várias fases e etapas para poder ser concretizada de forma correta e funcional.

A primeira etapa foi a criação de um *site* provisório para albergar as fichas de inventário na plataforma gratuita *wix.com* (Wix 2021). Este procedimento implicou a alteração e a atualização da informação disponível, tendo em consideração que algumas obras existentes têm cópias, réplicas, duplos, triplos, chegando a existir catorze réplicas da mesma escultura. Nestes casos, o objetivo será ter apenas uma única ficha de inventário com a informação da quantidade existente.

O novo *site* foi criado de forma simples e intuitiva, apenas sendo necessário adicionar uma nova página para cada ficha de inventário e a informação extra, como o mapa de localização da peça na reserva ou nos corredores da Faculdade. Na sua criação, tivemos o cuidado de o operacionalizar de forma a ser possível o seu acesso e correto funcionamento em computadores, mas também, e principalmente, em telemóveis.

As obras que foram adicionadas podem ser acedidas através da sua página inicial com um *link* (<https://cutt.ly/8vSRL5Z>) ou utilizando os respetivos códigos QR, que permitem o acesso direto [Figuras 3 e 4].

Através dos URLs do nosso *website*, foi possível criar os códigos QR para assegurar a ligação a cada ficha de inventário, através da plataforma *unitag.io/qrcode* (Unitag 2021).

Para garantir a ligação entre o objeto e a informação, o novo código é inserido na ficha de inventário e fixado na estante ou equipamento de acondicionamento da reserva ou na tabela dos suportes onde se encontram as obras e/ou os seus fragmentos.

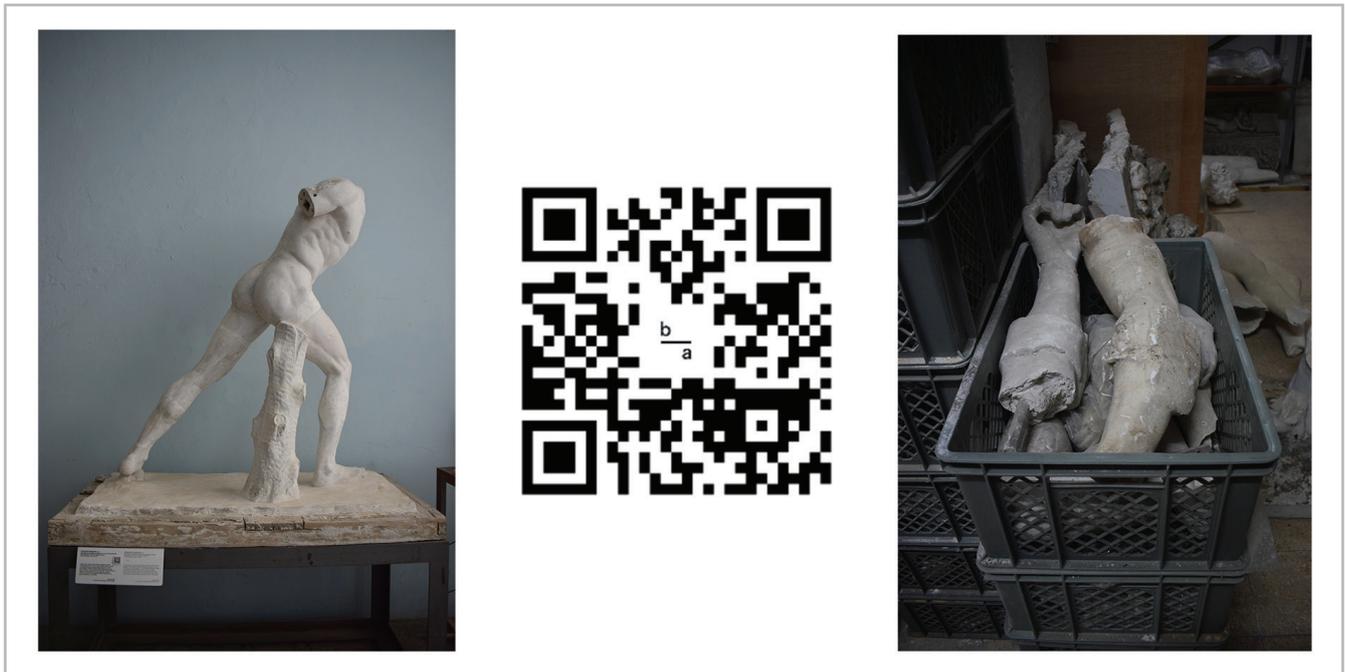
### Informação disponibilizada no *website*

As fichas de inventário são uma das principais ferramentas de informação desta reserva. Como já referimos, é aqui que podemos ter acesso a fotografias das obras e a outras informações importantes como as suas dimensões, a sua localização, onde se encontra a obra original da escultura em gesso, o número de cópias existentes e, em alguns casos, a bibliografia sobre as esculturas.

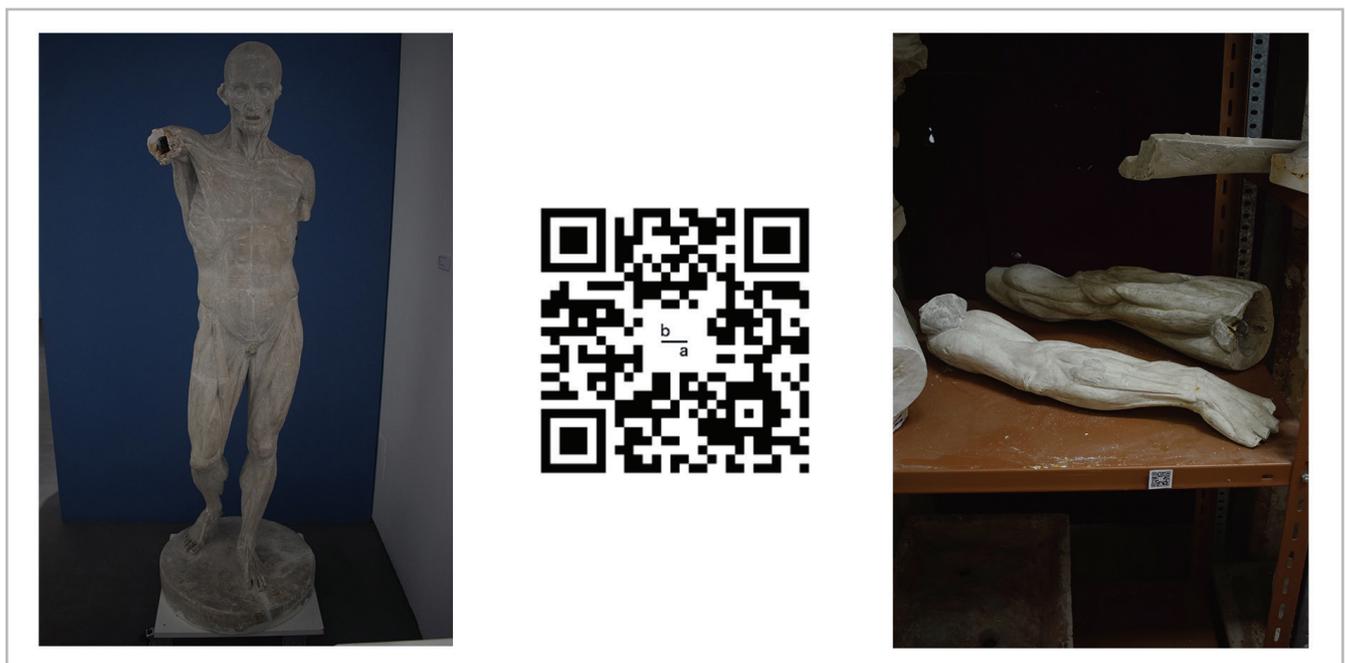
Para podermos utilizar os códigos QR no seu máximo potencial, as fichas de inventário têm de ser atualizadas com uma maior quantidade de informação.

Para as fichas de inventário utilizadas como exemplo para neste artigo, o *Gladiador Borghèse* [Figura 3] e o *Esfoldado* [Figura 4], baseámo-nos nas fichas originais feitas por José Viriato (Bernardo 2014). Atualizámos as imagens e acrescentámos fotografias dos fragmentos no seu local exato dentro da reserva. Foi também adicionada informação referente à localização das obras no edifício. Os fragmentos também têm uma indicação das suas características e da sua localização dentro da reserva.

Toda esta informação é complementada por mapas com informações importantes, como a localização das obras e dos seus fragmentos [Figura 5] dentro ou fora da área da reserva. Desta forma, para além de termos a localização registada na ficha de inventário, também temos um complemento desta informação através de um esquema visual.



**Figura 3.-** Escultura de *Gladiator Borghèse* e respetivos fragmentos ligados à ficha de inventário através de um código QR ©FBAUL/ Guilherme Gameiro Lopes.



**Figura 4.-** Escultura de *Esfolado* e respetivos fragmentos ligados à ficha de inventário através de um código QR ©FBAUL/ Guilherme Gameiro Lopes.

Nas figuras seguintes apresentamos um exemplo da georreferenciação de uma escultura e dos seus fragmentos, o *Gladiator Borghèse*. Esta peça encontra-se no piso 1 e os seus fragmentos estão na reserva de escultura [Figuras 5 e 6].

A esta informação, é ainda possível juntar o número do contentor, da prateleira ou do corredor em que se encontram os fragmentos após o sistema de códigos QR

e de sinalização estarem implementados. Desta forma, é reunida no mesmo sistema toda a informação necessária para se encontrar uma obra e/ou os seus fragmentos no edifício.

Além destes dados, pode ainda complementar-se a informação disponibilizada consoante a vontade de quem gere o sistema, juntando-se bibliografia, *links* para trabalhos académicos relacionados com cada peça, podendo estes



e para as caixas que tenham diversos fragmentos pequenos [Figura 8], complementando assim a informação disponibilizada de forma digital, com os conteúdos dos equipamentos. Estes códigos darão informação sobre todas as obras e/ou fragmentos existentes no seu interior. Através deste método, teríamos mais uma forma de localização das peças e dos fragmentos dentro da reserva, pois cada contentor e estante estariam numerados e identificados com um código a fazer ligação às fichas de inventário.

Para além destes procedimentos, os códigos QR também devem ser adicionados às fichas de inventário impressas. Ainda que parte do objetivo deste projeto seja criar uma base de dados em suporte digital facilmente atualizada, será sempre necessário continuar a ter no interior da reserva uma versão impressa para prevenir a perda de informação, ou colmatar dificuldades de acesso às plataformas digitais. Desta forma, ter o código QR da obra incorporado na própria ficha poderá ser uma mais-valia para quem trabalha com a reserva todos os dias [Figuras 5 e 6].

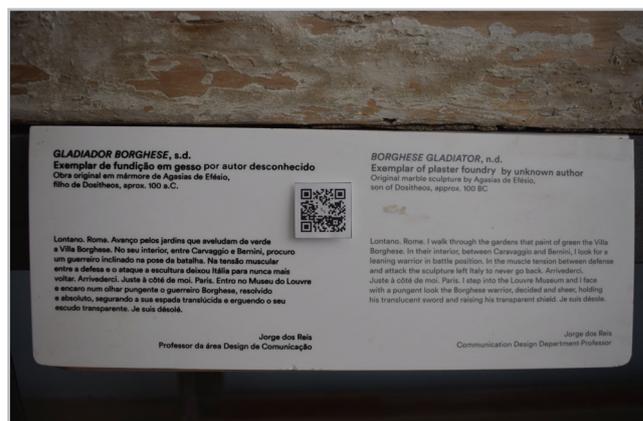
Relativamente aos fragmentos de peças, cremos que uma das utilizações mais importantes dos códigos QR nesta reserva é, sem dúvida, na identificação da relação entre estes e as esculturas de que fazem parte, e o registo desta informação nas fichas de inventário e no sistema de georreferenciação. Com esse propósito, deve ser colocado o código QR da escultura no contentor com os fragmentos. Desta forma, conseguimos identificar os elementos soltos e ligá-los à respetiva ficha de inventário com muita facilidade, evitando a sua dissociação. Também podemos ler o mesmo código QR que se encontra junto da escultura original [Figuras 3 e 4], que nos liga à informação sobre a peça e, conseqüentemente, saber a localização dos respetivos fragmentos dessa escultura.

Atualmente, os fragmentos de menores dimensões que se vão destacando das esculturas dos corredores são acondicionados em gavetas e sinalizados com o nome da obra, o que pode criar confusão devido à grande quantidade de obras existentes e ao aumento do número de fragmentos deste tipo. Com este sistema proposto, também é possível imprimir rapidamente o código e juntá-lo a esses pequenos fragmentos, o que facilita a sua ligação com a obra original através de um sistema muito mais eficaz do que o método atual.

### A aplicação do código QR nas peças expostas na Faculdade e na Reserva de Escultura

Para além da utilidade dos códigos QR na organização no interior das reservas, também será uma ferramenta muito útil para disponibilização de informação das obras que se encontram em exposição permanente nos corredores da FBAUL e na Reserva de Escultura, dado que este espaço funciona como reserva visitável.

Neste momento, os plintos que suportam as esculturas dos corredores já se encontram identificadas com tabuletas feitas por Beatriz Bento, no âmbito do projeto *IN SITU* (Bento 2015). Na figura 8 podemos observar a adição do código ao que se encontra disponibilizado atualmente. Estes códigos deverão ter mais informação, como, por exemplo, um texto sobre a história da escultura com a informação mais importante e interessante para a comunidade académica e exterior que visite a Faculdade.



**Figura 8.** - Tabela da escultura *Gladiador Borghese* com a adição do código QR ©FBAUL/ Guilherme Gameiro Lopes.

### Considerações finais

Com estes novos códigos, tornou-se possível combater o fator da dissociação na Reserva de Escultura da FBAUL, ao se garantir uma ligação direta e digital entre os objetos e as suas fichas de inventário, que contém toda a informação necessária, como, por exemplo, o tipo de aquisição, as suas características, os seus elementos constituintes, entre muitos outros aspetos importantes, bem como a informação relacionada com a sua localização. Esta funcionalidade permite a organização do interior da reserva, ao facilitar a identificação das peças e dos fragmentos através do telemóvel pessoal; bem como dar ao visitante mais informações sobre cada escultura, esteja esta em reserva ou em exposição nos corredores da Faculdade; e garantir a existência de um sistema de organização e associação das obras aos seus fragmentos, resolvendo assim várias questões desta reserva visitável.

### Notas

[1] Lisboa, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Despacho P-05/2018. Nomeação dos responsáveis pelos acervos museológicos da Faculdade de Belas-Artes. <https://www.belasartes.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2013/03/Despacho-P-05-2018-Nomea%C3%A7%C3%A3o-dos-respons%C3%A1veis-pelos-Acervos-Museol%C3%B3gicos-da-FBA.pdf> [consulta: 23/7/2021]

## Referências

ALVES, A. N., FRADE, M., ALCOBIA, C. (2014). "A Implementação de um Plano de Conservação Preventiva para o Acervo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa". In *Atas do Seminário Internacional "O Futuro dos Museus Universitários em Perspetiva"*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade de Porto. <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1438&sum=sim> [Consulta: 19/10/2020]

ALVES, A. N., FRADE, M. (2017). "The tenth «sense» of preventive conservation - the inventory and study of the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon collections". In *Intangibility Matters – International Conference on the values of tangible heritage, IMaTTe*. Lisboa: LNEC, 181-190. <https://goo.gl/M5r7pC> [consulta: 5/10/2020]

BENTO, B. (2015). *In Situ: um projecto de trabalho com a comunidade para a conservação do património da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/24592> [consulta: 5/10/2020]

BERNARDO, J. V. (2013). *A Coleção de Escultura da Faculdade de Belas Artes: A formação do gosto e o ensino do Desenho*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/10797> [consulta: 5/10/2020]

Canadian Conservation Institute (2018). *Preventive conservation and risk management*. <https://www.canada.ca/en/services/culture/history-heritage/museology-conservation/preservation-conservation/preventive-conservation.html> [consulta: 23/7/2021]

COSTA, R. (2012). *Os Códigos QR em museus*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISCTE-IUL. <http://hdl.handle.net/10071/5670> [Consulta: 9/10/2020]

LOPES, G. (2021). *Organização e Gestão de Coleções – Reserva de Escultura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa como caso de estudo*. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/50211> [Consulta: 20/04/2023]

MICHALSKI, S. (1990). "An Overall Framework for Preventive Conservation and Remedial Conservation". In: *ICOM Committee for Conservation, 9th Triennial Meeting*. Paris, ICOM Committee for Conservation, 589-591. [https://www.academia.edu/741942/1990\\_An\\_overall\\_framework\\_for\\_preventive\\_conservation\\_and\\_remedial\\_conservation](https://www.academia.edu/741942/1990_An_overall_framework_for_preventive_conservation_and_remedial_conservation) [Consulta: 8/11/2020]

SENDINO, M. C. (2013). "Use of QR code Labels in Museum collection management", *Collections. A Journal for Museum and Archives Professionals*, 9(3): 239-254. [https://www.researchgate.net/publication/301567638\\_Use\\_of\\_QR\\_Code\\_Labels\\_in\\_Museum\\_Collection\\_Management](https://www.researchgate.net/publication/301567638_Use_of_QR_Code_Labels_in_Museum_Collection_Management) [Consulta: 9/10/2020]

Unitag (2021). *QR Codes Generator*. <https://www.unitag.io/qrcode> [consulta: 17/7/2021]

WALLER, R. (1994). "Conservation risk assessment: A strategy for managing resources for preventive conservation". In: *Preprints of the Contributions to the Ottawa Congress*, 12 16 September 1994, Preven-

tive Conservation: Practice, Theory and Research. Roy, A. and Smith P. (Ed.). London: IIC, 12-16. <http://www.museumsof.org/docs/WallerOttawa1994.pdf> [consulta: 7/11/2020]

WALLER, R., CATO, P. (2019). *Agent of Deterioration: dissociation*. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/dissociation.html> [consulta: 23/7/2021]

Wix (2021). *Wix*. <https://www.wix.com/> [consulta: 17/7/2021]

## Autores



**Guilherme Gameiro Lopes**  
[gui97\\_lopes@hotmail.com](mailto:gui97_lopes@hotmail.com)  
Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Lisboa, Portugal

Guilherme Gameiro Lopes foi aluno da Faculdade de Belas-Artes de 2015 a 2021. Fez a sua licenciatura em Ciências da Arte e do Património e o seu mestrado em Museologia e Museografia. Trabalhou na área do património edificado durante quatro anos, participando em intervenções de conservação e restauro, e numa galeria de arte no centro de Lisboa onde desempenhou funções de galerista como: visitas guiadas, inventariação, conservação e restauro e participação em feiras de arte.



**Marta Frade**  
[martacostafrade@gmail.com](mailto:martacostafrade@gmail.com)  
Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Lisboa, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0002-0719-0308>

Iniciou a sua formação na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra em 1997, onde cultivou o seu interesse pelo património em gesso. Este material acabou por ser de extrema importância na sua carreira académica. Em 2005, concluiu a licenciatura em Conservação e Restauro no Instituto Politécnico de Tomar. Desde 2011, é Professora Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Terminou o seu doutoramento com uma tese sobre Conservação e Restauro de Escultura em gesso, em 2018.



**Alice Nogueira Alves**  
[alicenalves@edu.ulisboa.pt](mailto:alicenalves@edu.ulisboa.pt)  
Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Lisboa, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0001-6683-8007>

Conservadora restauradora. Desde o início da sua formação, as questões relacionadas com a história e a teoria do restauro e o modo como se encara o objeto artístico assumiram uma importância fundamental nos seus interesses académicos,

terminando o seu doutoramento História da Arte, Património e Teoria do Restauro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009. Atualmente, é Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

---

Artículo enviado el 27/05/2023  
Artículo aceptado el 17/06/2023



<https://doi.org/10.37558/gec.v23i1.1216>